

# JOSEF FREIHOF<sup>1</sup>

(Kraśnik, Polônia, 1924; Rio de Janeiro, Brasil, 2016)



Josef Freihof. Paris, 25.8.1948.  
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

---

1 Entrevista concedida por Josef Freihof a Sarita Mucinic Sarue, pesquisadora do Grupo de História Oral Arqshoah. Rio de Janeiro, 8.7.2015. Câmera: Raissa Alonso, com a colaboração de Raissa Londero. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno. Transcrição e pesquisa: Maria Luiza Tucci Carneiro. Arqshoah-Leer/USP.

## Minhas raízes judaicas e polonesas

Meu nome é Josef Freihof, nasci em Kraśnik, na Polônia, em 5 de maio de 1924. Kraśnik era uma cidade muito pequena com cerca de oito mil habitantes.<sup>A</sup> Costumava-se chamá-la de Kraśnik Lubelski, expressão usada para uma espécie de cidade pequena, já que a maioria dos judeus ocupava o centro da cidade. Meu pai chamava-se Leon ou Leib, que em hebraico quer dizer Ária; e minha mãe chamava-se Ruchale ou Raquela, cujo sobrenome de solteira era Buchbinder, que em alemão quer dizer “aquele que concerta livros”: *Buchbinder*. Ela era de Janów e o meu pai de Kraśnik.



Kraśnik (Polônia), cidade natal de Josef Freihof.  
Google Maps.

A nossa família era muito grande, com sete irmãos pelo lado do meu pai, sendo um deles Fiszal Freihof, cuja história contarei depois. Chaim Freihof era o nome do meu avô

A- Kraśnik é uma cidade da Polônia, no condado de Kraśnicki. Estende-se por uma área de 25,29 km<sup>2</sup>, com 35.262 habitantes, segundo o censo de 2011, com uma densidade de 1.420 hab./km<sup>2</sup>. Na segunda metade do século XIV, tornou-se propriedade da família Gorajski, passando depois para a família Tęczyński, pelos príncipes Olelkowicz-Słucki e, depois, Radziwiłł. Entre 1604 e 1866, a cidade pertenceu à família de Jan Zamojski, passando a fazer parte de Ordynacja Zamojska, uma propriedade rural. Em 1878, Kraśnik perdeu os privilégios de cidade por ter participado na Revolta de Janeiro. Entre 1914 e 1915, nas proximidades, ocorreu a “Batalha de Kraśnik” entre austríacos e russos. Para melhorar o abastecimento da frente, os russos construíram uma linha de caminho de ferro entre Lublin e Rozwadów, que foi inaugurada no dia 31 de dezembro de 1914. Depois de recuperação da independência da Polónia, Kraśnik voltou a ter privilégios de cidade. Nos anos 1937-1938, na floresta de Budzyń, ao norte da cidade, construiu-se uma fábrica de armas para produção de munições de artilharia, mas nunca chegou a funcionar plenamente. Quando a fábrica foi ocupada pelos alemães, produzia peças de avião Heinkel. Em 1975, as cidades Kraśnik Lubelski e Kraśnik Fabryczny, assim como as aldeias próximas, foram convertidas numa só cidade: Kraśnik.

paterno casado com Chana. Eu não tinha direito de chegar perto dela, pois eram muitos netos. Lembro-me de que aos domingos íamos tomar sopa na sua casa. Meu avô Chaim tinha uma oficina de boinas, e, quando íamos visitá-lo, sentávamos no chão para participar de uma espécie de brincadeira que ele fazia com papelão.

Naquela época, era muito complicado irmos de uma cidade para outra. Minha mãe havia nascido em Janów ou Janów Lubelski, também uma cidade pequena. Daí se referirem a “Janów Lubelski”, “Kraśnik Lubelski”. Lubelski era uma espécie de capital cercada por cidades pequenas. Não eram aldeias, pois, nelas, moravam, no máximo, três famílias judias.

Passi minha infância em Kraśnik. Cheguei a frequentar uma escola judaica, mas eu faltava muito às aulas. Havia tanta criança que o rabino para chegar perto de mim e perguntar se eu escutei uma palavra do que havia dito era uma sabedoria. A maioria das crianças tinha 3 e 4 anos. Lá era bom, mas não sei se cheguei a aprender alguma coisa, não sei. Quando eu era menor, cheguei a frequentar uma escola pública, mas foi terrível, pois lá havia muito antissemitismo.

Meu pai me provou que era um *bon vivant*, tanto que costumava frequentar Viena. A pessoa que frequentava Viena não era qualquer um. Lembro-me dos “bosques da Viena”. Eu dizia que a primeira viagem que iria fazer com a minha mulher era para os “bosques de Viena” para ela saber de onde vim! Que eu era um *bon vivant*, lógico, bem arrumado, chique! Na nossa cidade, todos gostavam do meu pai porque para ele não existiam dificuldades e para tudo havia soluções.

Minha mãe queria que eu fosse rabino. Mas, veja bem, eu não tenho cara de rabino... Olhei-me no espelho e pensei: “Sou um cara safado para viver! Deixa a vida me levar...”, como diz aquela música! Meu pai queria que eu fosse comerciante, mas logo eu disse: “Eu tenho muita mais na minha cabeça do que ser comerciante!”. Eu não gostava de comércio.

Eu sabia que, para ser alguém, precisava usar lápis e saber escrever. Então, eu parti para aquilo de que gostava, que sentia: trabalho manual. Essa foi a minha sorte até hoje. Isso aconteceu por volta de 1932-1933, portanto antes da guerra. No prédio de três andares onde morávamos, todos eram judeus, sendo a maioria pobre, média e rica. Pobre era o meu pai com sete filhos para criar.

Um dia, atravessando por ali, senti aquela pobreza; mas senti também um cheiro forte de madeira que me provocou alguma emoção. Constatei que achava bonito o trabalho de marcenaria, eu gostava. Então eu disse:

– Papai, eu gosto daqui...! – comentei, referindo-me ao trabalho de um marceneiro que fazia móveis “primitivos”.

– Ah, meu filho, então a sua vida vai ser essa – respondeu meu pai.

Registrei. Fui crescendo, crescendo e acabei descobrindo que em Kraśnik havia um marceneiro que fabricava móveis muitos elegantes e coloridos. Ele era o presidente de um teatro. Era um homem que escrevia peças, outro nível, entendeu? Outro nível de marceneiro! E eu gostava desse tipo de marceneiro. Eu queria chegar até o Griner, aquele senhor que escrevia peças para teatro e que tinha uma oficina de móveis só de “elegância”. Um dia fui até lá e lhe mostrei uma colagem que eu havia feito com tirinhas de madeira, fininhas e de várias cores. Eu gostava disso! Então ele comentou:

–Posso fazer alguma coisa para beneficiar esse seu talento? Você pode ficar, mas eu tenho uma criança pequena, e você deve ajudar a cuidar dela. Metade do tempo trabalhar aqui e, durante a outra metade, eu te ensino a profissão.

Negócio feito: virei babá. Foi quando eu fugi de casa. Durante meio período, o Griner ensinava-me tudo que sabia, muito honesto. Nessa época, eu tinha 10 ou 11 anos. Eu dormia lá, em um cantinho à noite, pois havia sumido de casa. Fiquei por ali durante uns três dias, até que meu pai me achou. A minha segurança era que eu sabia onde pisava, guiado pela minha cabeça que sempre me levava: “Não vai pra cá! Vai pra lá!”.

Meu pai não tinha jeito comigo porque eu obedecia a tudo que ele queria, mas mantendo o meu silêncio. Foi quando comecei a pensar que ali não havia espaço para mim. Éramos sete irmãos, sendo seis mulheres. A mais velha chamava-se Nesha, depois vinha a Devoire (Débora), seguida da Shifra, da Raizel e da Frado (Frida). Depois era eu, Josef, seguido da Mania e da Faigara. Eu era o único homem, um paraíso para mim, razão do meu estresse: vivia no meio de um “exército de mulheres”! Minhas irmãs eram lindas, lindas, lindas e lindas. Lá em casa eu costumava andar com uma bengala; acho que elas gostavam. Nós morávamos no terceiro andar de um prédio cuja escadaria era de madeira, lógico! Quando

eu subia, a escada fazia sempre um barulho com a bengala: “pá, pá, pá!”. Foi quando uma das minhas irmãs falou: “Ele já está chegando!”. “Ele”... Ela me chamava de “ele”. Mas foi assim que aprendi a administrar com silêncio essas feras. Minhas irmãs eram “feras”, mas tinham um talento especial.

## *Durante a ocupação da Polônia*

### A vida no gueto de Kraśnik

Quando Kraśnik foi bombardeada durante a guerra, os nazistas construíram ali um gueto.<sup>A</sup> Logo no início eles fecharam a cidade. No nosso prédio – que devia ter uns três andares – só moravam judeus. Nós precisávamos comer. Foi quando descobrimos que, no primeiro andar, havia um apartamento “meio vazio”, sendo o dono um polaco cristão. Aí, meu pai agiu rápido. Muito vivo, disse:

– Vou abrir uma pensão para essa juventude que gosta das minhas filhas e que querem namorar! Vamos cozinhar, vamos fazer almoços!

Negócio fechado! Ali meu pai instalou uma pensão, colocou o proprietário como *mâitre* e as minhas irmãs, mulheres lindas, para trabalharem como garçonetes. A cidade estava cheia de jovens interessados em namorar as minhas irmãs. Com isso, eu já não podia sair daquele lugar. E lá, na nossa pensão, todo mundo comia e ainda sobrava comida. Tudo isso dentro do gueto onde as pessoas estavam fechadas, sem poder sair. Pagavam! Entravam na pensão, comiam e pagavam, quem ainda tinha algum dinheiro. Cada um na sua! Enquanto isso, eu ajudava como garçom e também trabalhava como

A- O Exército alemão entrou na cidade de Kraśnik, em setembro de 1939 e, nos dias 15 e 16, invadiu a sinagoga onde aprisionou dezenas de judeus e queimou rolos da Torá e livros. Os judeus foram também forçados a abrir suas lojas em *Rosh Hashaná*, sem poder respeitar as tradições judaicas. Em 23 de novembro de 1939, formaram um Conselho Judaico (*Judenrat*), composto de 12 pessoas, incluindo Fiszel Rabinowicz, presidente; Dr. Jozef Szapiro; J. Wajsbrot; e Pesach Kawa. No total, cerca de seis mil ficaram confinados nesse gueto. Outros da cidade foram transferidos para um campo de trabalho e gueto de Zaklikow. Em 12 de abril de 1942, quase dois mil judeus foram deportados para o acampamento de Belzec, em 1º de novembro de 1942, e outros 2.700 foram deportados para serem assassinados nas câmaras de gás de Belzec. Perto de Kraśnik foram montados vários campos de trabalho: Budzyń, Kraśnik (WIFO/Skret) e Janiszow. Josef Freihof e o tio Fiszel foram levados para Budzyń.

## Vozes do Holocausto

mensageiro para o pessoal do Exército. Eu era aquele garoto judeu que “puxava o saco” de todo mundo. Isso ajudava a ter lenha dentro de casa, mas os alemães não sabiam. Eu andava de bicicleta. Mas tudo isso não demorou muito porque estavam acabando com os judeus na Polônia, e, na minha cidade, existiam oito mil judeus juntos, vivendo no gueto.

Até que chegou o dia em que a minha irmã mais velha se casou, e muito bem, indo morar em Varsóvia. Então, eu pensei: “É agora ou nunca!”. Nessa época, eu estava com uns 12 anos e meu pai tinha uma loja de tecidos. Foi quando passou o caminhão de um tio que parou para pegar gasolina. Enquanto o motor estava ligado, eu disse: “Agora ou nunca!”. Era um caminhão com gado. Subi em cima do caminhão junto com aquele gado e fiquei num cantinho. O gado não fez nada comigo. Dali até Varsóvia dava uns 210 quilômetros. Cheguei lá...!

№	Имя	Фамилия	Дата рождения	Дата смерти	Место захоронения
1346	Freihof	Rachle	27. 8. 1893	1942	Getto
1347		Talca	Sumi	1926	---
1348		Israh	---	1932	---
1349		Sura	---	1936	---
1350		Abraham	---	1942	---
1351	Freihof	Abraham	Chaim	27. 8. 1893	---
1352		Ryuka	Letman	26. 8. 1891	---
1353		Chaim	Abraham	2. 8. 1893	---
1354		Selma	---	16. 1. 1920	---
1355		Rachle	---	29. 6. 1916	---
1356		Israh	---	20. 8. 1918	---
1357		Judka	---	15. 8. 1918	---
1358		Sura	---	15. 1. 1924	---
1359		Judka	---	1926	---
1360		Fajga	---	1927	---
1361		Chana	---	1931	---
1362		Rachle	---	1934	---
1363	Freihof	Jankiel	Abraham	29. 6. 1892	---
1364	Freihof	Abraham	Jankiel	26. 8. 1896	---
1365		Syfra	Abraham	1891	---
1366		Chaim	R. A.	1926	---
1367		Opella	---	1931	---
1368	Freihof	Ljuba	Chaim	1926	---
1369	Freihof	Fizel	Chaim	11. 1. 1892	---
1370		Ryuka	Benjamin	14. 8. 1891	---
1371		Israh	Fizel	1. 8. 1926	---
1372	Freihof	Israh	Abraham	26. 8. 1915	---
1373		Talca	Abraham	20. 8. 1915	---

Família Freihof na lista dos judeus perseguidos e registrados na cidade de Kraśnik.

Disponível em: <[www.yadvashem.org](http://www.yadvashem.org)>.

Acesso em: 28 jul. 2017.

O motorista devia saber, mas não dava bola para ninguém. Eu queria fugir daquela pequena cidade, detesto aldeia. Aliás, de aldeia eu gosto, não gosto de cidade pequena, é província. Aldeia eu adoro porque ali o homem é da terra, é bom, é honesto, fabrica sua própria comida, a minha comida. Mas, nas cidades pequenas, também há vagabundagem, putaria... Isso é outra história.

Eu já não era um menino pequeno e lá eu cresci. Minha irmã estava me esperando, pois sabia que eu ia chegar. Foi ótimo! Todo mundo queria este irmão. Eu logo fui trabalhar com o marido dela que tinha uma sociedade de fabricação de gravatas. Assim aprendi a vender gravatas, mas também esse não era o meu papel.

Eu não cheguei a estudar em Varsóvia, pois não tinha tempo para nada. Mas minha irmã me ensinou a andar, a dar um beijo na mão de uma senhora... Disse-me que na Polônia, quando as luvas são abertas, você pode dar um beijo; ou quando andar na rua, você tem que andar do lado do trânsito e a mulher ao seu lado. Enfim, ela ensinou-me a etiqueta... Eu achei isso fantástico!

Eu sabia o que iria acontecer: peguei minha mãe e a escondi no sótão da caserna do Exército. Avisei minha família: “Vou esconder nossa mãe e vou ficar com ela; os outros vão se defender!”. Quando ela estava lá em cima escondida, chegou um oficial do Exército que começou a desconfiar. Assim disse: “Vão matar vocês agora!”. Tirei-a do sótão e a levei de volta para a nossa casa. Ali esperamos! O mesmo oficial foi lá avisar que havia sido dada uma ordem para levar os oito mil judeus para a estação de trem. Creio que isso foi por volta de 1941, uma data assim. Então, todos fomos levados para a estação: oito mil pessoas, todos!

Então, todos foram levados para a estação de trem e de lá para o crematório. Oito mil, Todos! Ninguém levou nada! Que mala...? Só levaram pancadas com os cachorros do lado. Os ucranianos é que nos levaram! Eles eram ruins e andavam com a carabina na cara de todo mundo. Retomando: todos foram levados para a estação de trem. Da minha família, exceto o meu avô que já havia morrido fazia muito tempo. Foi meu pai, minha irmã casada, todo mundo. Oito mil pessoas naqueles vagões de trem, vagões de transporte de gado. Não pudemos ficar juntos, pois as mulheres foram separadas. Lembro-me de que eu vi um rosto pela fresta do vagão que, lá de dentro, falou assim para mim: “Você vai sobreviver à guerra”! Falou daquele buraquinho que mal dava para respirar um pouco, dentro daquele vagão. Eu gravei isso na minha memória.

## *Entrando para a lista de Schindler*

Agora eu preciso me lembrar para onde fomos, pois passei por tantos campos...! Fui transferido várias vezes, até chegar à lista do Schindler!

Estávamos em Kraśnik, em 1942. Quando chegou a minha vez para entrar no vagão de trem, aconteceu o inacreditável: apareceu o presidente de uma fábrica de aviões que existe

até hoje: Heinkel Flugzeugwerk [*Werk* quer dizer fábrica].<sup>A</sup>

Até então eu não acreditava que existia alguém que pudesse nos ajudar, a não ser o rabino que foi preparado para isso, mas do ponto de vista religioso. Bem, foi aí que um ucraniano anunciou que aquele senhor estava precisando de jovens fortes até “x” idade para trabalhar na sua fábrica. Antes de mandarem embora todo mundo, escolheram cerca de 70 jovens, entre os quais estava eu, lógico!

A minha sorte é que um desses ucranianos disse que eu era “colega dele da escola”. Mas ele não era meu colega, nada, era mentira! Quando ele disse: “Ahn, você não se lembra?”. Eu logo respondi: “É isso mesmo!”. Pensei assim: “Se ele vai me tapear, eu também tapeio. Tenho que aproveitar”. Com isso ele me salvou. Nesse momento, eu disse para ele – aproveitando que o meu pai que ainda estava lá na minha frente: “Pega o meu pai e bota ele também aqui!”. Aí ele puxou o meu pai e o colocou no meio dos escolhidos para trabalharem naquela fábrica. Antes de embarcar, o dono da fábrica aproximou-se de nós e olhou para o rosto de cada um. Perguntou para o meu pai, que usava cavanhaque:

- Você faz o quê? Profissão?
- Eu sou padeiro!
- Não precisamos de padeiro, não! – disse o empresário.

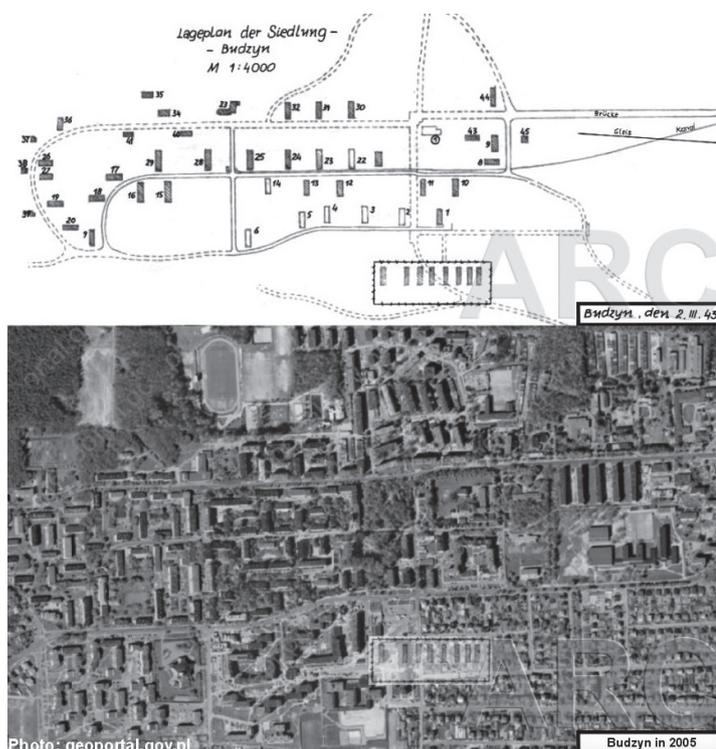
Tirou-o da nossa fila, bateu aqui na minha cabeça e, em seguida, nos levou embora para essa fábrica que ficava em Budzyń a quatro quilômetros de Kraśnik. Budzyń era uma aldeia, justamente onde eles montaram a tal fábrica de aviões, agora sob o comando dos nazistas. Fomos a pé, caminhando... assim que chegamos ao local começaram a fazer o registro de cada um. Ali estavam 100 pessoas ocupando um grande

A- A Heinkel Flugzeugwerk foi fundada em 1922 por Ernst Heinrich Heinkel (Grunbach, 24.1.1888; Stuttgart, Alemanha Ocidental, 30.1.1958), projetista e fabricante de aviões. Por causa das imposições do Tratado de Versalhes à Alemanha, trabalhou com contratos no exterior, como Suécia e Japão, fabricando hidroaviões e catapultas. Com a ascensão de Hitler ao poder em 1933, os projetos da Heinkel tornaram-se um segmento da Luftwaffe ganhando projeção antes da Segunda Guerra Mundial, entre os quais o Heinkel He 59, He 115 e He 111. O modelo Heinkel He 178 foi o primeiro avião na história a voar exclusivamente com propulsão a jato com o seu primeiro voo em setembro de 1938. Ernst Heinkel tornou-se um crítico do nazismo a partir do momento que foi forçado a demitir coletivamente projetistas judeus que atuavam nos seus quadros. Mesmo assim, doou uma aeronave para o Centro Von Braun, que investigava a propulsão por foguetes para aviões, além de ter patrocinado a investigação de Hans Von Ohian em motores a jato. Em 1942, o governo alemão “estatizou” a Heinkel cujas fábricas ficaram sob o controle de Hermann Göring. Heinkel mudou-se para Viena onde iniciou o projeto do Heinkel He 274, concebido até o fim da guerra. No final da guerra, a Alemanha procurou desenvolver armas poderosas capazes de salvá-la da derrota: o Mistel, a bomba voadora V-1, o Foguete V2, os caças Messerschmitt ME 262 e o Heinkel He 162, sendo este impulsionado por uma turbina a jato. No final da guerra, Heinkel foi preso pelos Aliados, mas libertado por comprovar sua oposição a Hitler e ao nazismo. Mesmo assim, sua empresa ficou proibida de produzir aviões.

## Josef Freihof

espaço. Eu estava aqui e, no outro canto, estava a mesa de registro. Vinham pessoas de todos os lados: uma parte que vem do outro canto, outra daquele canto, alguns desse canto. Nesse momento, eu ouvi: “Freihof”. Pensei: “Quem poderia ser?”. Era o meu tio Fischkel Freihof, irmão do meu pai. Então ele disse: “Me registra como teu pai”. Foi assim que fiz, registrei-o como meu pai e fiquei com ele durante cinco anos. Assim ele sobreviveu! Depois, veio para o Brasil com a minha ajuda e aqui se casou pela terceira vez.

Hoje, este “filho dele” (eu no caso) tem 92 anos e continuo sendo filho dele! Dormi com ele cinco anos numa casa com mais 70 pessoas, nunca me aborreci com ele! Ele era meu ajudante em tudo, meu “canhoto”! Mas canhoto marceneiro não serve, pois plaina é assim e um canhoto teria que pegá-la do outro lado. Bem, aí eu cheguei para o meu chefe e disse: “Ele é meu pai, deixa meu pai aí!”. Assim, ele ficou como meu ajudante e tenho orgulho disso! Consegui manter uma pessoa difícil, metódica, que escovava o sapato todos os dias, sempre



Planta e localização do campo de trabalhos forçados de Budzyń.

Fonte: Geoportal, 2005.

Disponível em: <<http://www.deathcamps.org/occupation/pic/bigbudzynmap.jpg>>.

Acesso em: 28 jul. 2017.

## Vozes do Holocausto

muito limpo. E quando chegou aqui no Brasil, abri uma loja para ele, ajudei a família toda, família grande! Sempre acreditei que “cada gringo tem que ter um negócio próprio”. Assim, obedeceram. Isso eu nunca esqueci, D’us me deu forças para conseguir manter alguém como meu pai. Assim, todo mundo me perguntava: “Cadê teu pai?”. Mentira, não era meu pai, e sim irmão do meu pai. Assim, eu tenho as minhas condecorações: são essas.

Lá na fábrica, nossa alimentação era “normal”, comida de operário de fábrica. Não ganhávamos dinheiro, não! Comida! E graças ao nosso campo foi construída a fábrica que, para chegarmos até ela, tínhamos que atravessar uns dois a três quilômetros todos os dias. Assim, foi feito o nosso campo de concentração em Budzyń, onde era a fábrica, e que somente funcionou quando levaram pessoas de outras cidades, de outros lugares. Logo no início nada funcionou, enferrujou.<sup>A</sup>



Prisioneiros do campo trabalhando no interior da fábrica de aviões Heinkel Flugzeugwerk, sob o controle dos nazistas a partir de 1942. Budzyń, s. d. Fotógrafo não identificado.

A- O campo de Budzyń ficava a 3 km a noroeste da cidade de Kraśnik, na estrada para Urzedów, na Polónia. Ocupava 55 mil metros quadrados com habitação adequada para os membros da SS em uma área de 2,68 ha. Em 1942, estabeleceu-se no local a fábrica de aviões Heinkel, então sob o controle nazista que, em 1943, contava com três mil prisioneiros trabalhando no local. A partir de novembro de 1942, chegaram vários transportes a esse campo, sendo 500 judeus do gueto de Kraśnik, entre os quais estavam Josef Freihof e o tio Israel, casado com Chawa Frajhof, nascida em Belzyce, que também foi enviada para esse mesmo campo. As condições de vida no local eram muito pobres, e a maioria das pessoas era colocada em oito barracões de madeira, antigos estábulos para cavalos. Os beliches tinham quatro andares, e, muitas vezes, uma cama era dividida entre seis homens. Os judeus civis receberam uma cruz vermelha de 20 centímetros em suas roupas e depois de alguns dias foram separados para trabalhar. Os SS atuavam com violência, sendo um dos comandantes o sádico Reinhold Feix. Nos primeiros dias, atiraram em cinco prisioneiros doentes, e um rapaz de 15 anos foi enforcado por tentar comprar pão e salsicha de um trabalhador polonês. Atuou também no local um *Oberscharführer* para quem a vida de um prisioneiro não tinha mais valor do que a de uma mosca. Seu assistente era *Unterscharführer* Stoshek, um homem de meia-idade que falava em voz baixa, mas que atirava em qualquer pessoa de que não gostasse. Em 10 de junho de 1944, os prisioneiros de Budzyń foram transportados para Majdanek, sendo o campo dissolvido em 22 de julho de 1944. Os prisioneiros que lá permaneceram foram levados para os acampamentos em Plaszow, entre os quais estavam Josef Freihof e o tio Fiszel; e outros para Mauthausen. Informações disponíveis em: <<http://collections.ushmm.org/search/catalog/irn507540>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

*Josef Freihof*

## ***A vida nos campos de concentração***

Eu passei por muitos campos...! As transferências aconteciam de uma ocupação para a outra; e as transferências não significavam nada porque sabíamos que só podíamos piorar. Não ia melhorar, não é mesmo? Eu tinha noção das coisas, pois essa era uma política feita para exterminar os prisioneiros. No campo de Budzyń só havia um banheiro, uma latrina, com uma madeira de 20 centímetros, sem lugar para sentar: era um pedaço de pau onde eu sentava e escutava as histórias que eram contadas do lado de fora. E lá havia gente muito inteligente, muitos sábios, muitos bons médicos, tudo de bom. E lá, nesse “banheiro”, eu fazia de conta que ia fazer xixi e cocô toda hora, mas era mesmo para escutar. Eu ficava lá sentado e ninguém mexia comigo. Assim, eu sabia o que ia acontecer, como iria acontecer... Sabia de tudo, porque eles recebiam comunicação com algum aparelho. Eram sábios, por exemplo: eu tenho um sinal aqui na palma da mão direita! Foi um corte que um médico austríaco costurou,



Crematório do campo de concentração de Groß-Rosen.

Disponível em: <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/20/6b/a7/206ba7dd4f7610ad6ae68d34c3a0f9a1.jpg>>.

Acesso em: 30 jul. 2017.

um gênio! Eu havia roubado uma lata de *Sprot* [sardinha], que abri com a mão e com os dentes. Foi quando rasguei aqui na lateral da mão direita, um corte comprido. Avisei esse médico que, à noite, quando todo mundo estava dormindo, costurou o meu corte. Felizmente, não aconteceu nada pior.

Aquela gente sabia de tudo que se passava no mundo. E assim, eu estava mais ou menos informado, sempre de “antena ligada”. Não me preocupava com nada, apenas procurava saber: aqui dá, aqui não dá, aqui pode roubar batatas, aqui não pode. Essa foi a minha defesa porque o meu temperamento era esse...!

Para onde nós fomos? Fomos levados para o campo de concentração de Plaszów, nos arredores de Kraków [Cracóvia].<sup>A</sup> Eu sempre procurei ser marceneiro e esta foi a minha patente. Em Wieliczka, cidade que ficava nas proximidades de Plaszów, havia uma mina de sal para onde fomos levados para montar outra fábrica de máquinas, embaixo da terra.<sup>B</sup> Mina de sal na Polônia! Assim, eu fui trabalhar naquela mina carregando comida para lá e para cá. Eles me disseram que a mina estava a 40 quilômetros por dentro da terra... Eu via aquelas paredes de sal e gostava! Arranjei umas cebolas, passava na parede, levava até a boca e comia. Assim me defendi. Nessa cidade, havia uma igreja, cavalos, enfim uma cidade incrível. Hoje é um importante lugar de turismo na Polônia. Parece que lá também enferrujou o maquinário...

Lá estávamos nós dois: ele era o sexto número ou eu, não sei, para entrar no crematório. Foi quando chegou Schindler segurando com uma das mãos um megafone na boca. Em seguida gritou: “Josef Freihof para cá, Fiszal Freihof para cá!”. Ele pagou por cerca de 1.100 garotos daquele campo e

**A-** Plaszów era um pequeno povoado nos arredores de Kraków (Polônia). Ali foi construído um campo de concentração pelos nazistas em dezembro de 1942, sendo o local escolhido por estar próximo do gueto de Kraków. Facilitaria, assim, o transporte dos judeus no momento da evacuação do gueto, plano concretizado em 13 de março de 1943. Aqueles que não pereceram na evacuação foram confinados em Plaszów. O comandante desse campo era Amon Göth, um oficial da SS, de origem austríaca, representado por Ralph Fiennes no filme *A lista de Schindler*, de Steven Spielberg.

**B-** A mina de sal de Wieliczka está localizada na cidade de Wieliczka, no sul da Polônia, encontrando-se dentro da área metropolitana de Cracóvia. Inaugurada no século XIII, a mina produziu sal de mesa continuamente até 2007 e era uma das mais antigas minas de sal do mundo em operação. A mineração comercial foi suspensa devido aos baixos preços de sal e às inundações.

## Josef Freihof

nos levou para a Tchecoslováquia onde preparou uma oficina artificial com material bélico, dizendo que estava fabricando munições. Tudo de que a guerra precisava.

A Tchecoslováquia para mim tinha um cheiro de coisa boa, pois eu estava saindo do inferno. Ninguém sabe direito se a fábrica já existia antes; cada um dizia uma coisa, mas eu estava muito feliz naquela fábrica. Havia um galpão com espaço para nós dormirmos num canto e que estava em Brněnec, uma aldeia na Tchecoslováquia. Assim, Schindler salvou 1.100 pessoas. Faço aqui uma retificação: ontem, a TV Globo disse que a lista do Schindler tem 1.200 nomes. Não: foram 1.100 pessoas sobreviventes. Eu era marceneiro e fiz trabalhos muito bem-feitos à mão: caixinhas para bijuterias, coladas com madeiras de várias cores, como o Griner me ensinou. Vendi tudo isso para os chefes alemães e soldados em troca de comida. Naquela fábrica de marcenaria, eu tinha o talento para fazer tudo que era possível. Foi quando eu adoeci com problemas de hemorroidas e nem conseguia andar direito. O nosso chefe, cujo nome era Fischgrund, uma pessoa maravilhosa e patrício, disse: “Eu vou te curar”. Ele era selecionador de madeiras, ou seja, aquele que com as mãos sente a qualidade da madeira, uma pessoa completamente especial. Disse-me para pegar três tábuas largas e arranjou-me uma bacia com água quente. Mandou-me ficar ali sentado durante

Searching for Surname (phonetically like) : FREIHOF 2 matching records found. Run on Mon, 17 Jul 2017 18:06:53 -0600				
Name	Date of Birth	Camp Deported to Date of Death	Prisoner Number	Comments
FREIHOF, Fiszel	04-Dec-1902		69426	
FREIHOF, Josek	05-May-1924		69428	

### Schindler's Lists

Name	List	Gender	Camp	Disposition
	Source	Born		
	Section	Occupation		
FREIHOF, Fiszel	A	Male	Shindler	Survived
	Yad Vashem	1902		
		Carpenter		
FREIHOF, Josef	A	Male	Shindler	Survived
	Yad Vashem	1924		
		Carpenter		

Freihof registrado na lista dos sobreviventes de Gross Rosen e Lista de Schindler.

Fonte original Yad Vashem, disponível em: <[www.jewishgen.org](http://www.jewishgen.org)>. Acesso em: 29 ago. 2017.

algumas horas, cuidou para que o seu chefe superior não visse e assim eu fiquei bom. Fischgrund sobreviveu e esteve nos visitando aqui no Rio.

Bem, após ter passado por Kraków e Wieliczka, fomos levados para uma outra cidade (cujo nome não me recordo) até chegarmos ao campo de concentração de Groß-Rosen.<sup>A</sup> Ali havia um crematório, e, assim que cheguei ao local, vi duas chaminés. Logo começaram a tirar a roupa da gente e eu fiquei segurando meu pai (que na verdade era o meu tio). Era novembro de 1944, quando estava quase no fim da guerra. Ali me registraram com o número 69428, escrito aqui no meio do peito com uma pedra de giz; e o meu tio Fiszal recebeu o número 69438. Eu estava nu e saiu sangue daquela minha tatuagem. Não doeu, lógico, mas dali eu estava vendo a chaminé. O velhinho do meu tio Fiszal não sabia de nada! Ele, que era muito baixinho, estava nu e com frio. Eu o abracei e procurei esquentá-lo.

Nessa época, eu tinha quase 20 anos, era um garotão. É eu era um bom marceneiro! Foi quando eu pensei: “Ah, temos que comer!”. Fiquei sabendo que ali perto havia um moinho para onde eram enviados aqueles que deveriam ficar presos ou ser castigados. O nome do moinho era Daulpner, sendo o proprietário um judeu, mas eu não sabia. Foi quando ele ofereceu o moinho para nos ajudar a comer. Levávamos comida nos bolsos. Eu não dormi no ponto...! Quando Schindler sentiu que ia terminar a guerra, ele fez uma festa de aniversário naquele campo, naquela fábrica. Todo mundo ganhou um prato de arroz, e, enquanto estávamos comendo, Schindler passou uma lista dizendo quem ele era. Todo

A- O campo de concentração de Groß-Rosen (em alemão *Konzentrationslager Groß-Rosen*) foi construído pelos nazistas no verão de 1940, para servir de campo-satélite do campo de concentração de Sachsenhausen de Oranienburg. Estava localizado no vilarejo de Groß-Rosen, perto da então fronteira polonesa, na Baixa Silésia, hoje Rogoźnica, na Polónia. Usados no trabalho escravo, os judeus trabalhavam em troca de comida na grande pedreira da *SS-Deutsche Erd- und Steinwerke GmbH*, departamento da SS de trabalhos forçados. No outono de 1940, o trabalho escravo na Alta Silésia foi assumido pela empresa Schmelz, sob as ordens diretas de Heinrich Himmler. Groß-Rosen tornou-se um campo independente em 1º de maio de 1941, projetando-se com um complexo de cerca de 100 subcampos distribuídos em áreas próximas pela Alemanha Oriental, Tchecoslováquia e Polónia ocupada em 1944. O tratamento era brutal com fuzilamentos e mortes por causa dos excessos de trabalho na pedreira de granito, onde o atendimento médico e a alimentação cabiam à administração alemã. As rações eram de fome, fragilizando os prisioneiros, e levavam à morte em menos de dois meses. Entre as empresas que se beneficiaram desses trabalhadores de campos de concentração, estavam fabricantes de aparelhos eletrônicos, como a Blaupunkt e Siemens, e empresas diversas, como a Krupp, IG Farben e Daimler-Benz. Prisioneiros sem condições de trabalhar eram enviados para o campo de Dachau. Em Groß-Rosen, a grande maioria dos judeus vinha da Polónia e Hungria, com contingentes menores provenientes da Bélgica, França, Holanda, Grécia, Iugoslávia, Eslováquia e Itália. Um de seus prisioneiros e sobreviventes mais famosos foi Simon Wiesenthal, o escritor e caçador de nazistas austríaco, que teve o dedão do pé direito amputado depois que uma pedra caiu no pé quando trabalhava na pedreira. Quinhentas guardas femininas das SS serviram e foram treinadas em Groß-Rosen e integraram as equipes de guarda dos subcampos de Brünnlitz, Graeben, Gruenberg, Gruschwitz Neusalz, Hundsfeld, Kratzau II, Oberaltstadt, Reichenbach e Schlesiersee Schanzenbau. Foi no primeiro deles, Brünnlitz, na Tchecoslováquia, que os judeus resgatados por Oskar Schindler foram aprisionados, entre os quais estava Josef Freihof. Groß-Rosen foi liberado pelo Exército Vermelho em 13 de fevereiro de 1945.

mundo assinou. Com essa lista – considerando que ele era alemão – ele tinha um documento comprovando que salvou tantos judeus. E era verdade...!

Ele era um *bon vivant*. Nós o víamos muito pouco, mas ele amava a vida! Repetindo: ele sabia viver, era um *bon vivant*. Era um homem lindo! E para amar a vida, tinha que ter muita mulher e muito dinheiro. Conseguiu! Juntou um grande capital com a ajuda de alguns banqueiros para fazer tudo aquilo de que ele gostava, tudo de bom para ele, nada de politicagem. E funcionou. Esse foi o único campo que saiu 100% perfeito, tudo direitinho. Mas ele acabou usando esse capital para salvar judeus. Assim que terminou a guerra, juntou-se ao governo tcheco que era muito humano. Hoje, ele está enterrado em Tel Aviv, para onde os judeus o levaram.

## ***Após a guerra, a liberdade***

Com o final da guerra em 1945, começou uma nova história. Um pouco antes, eu estava lá sentado no “gabinete do cocô” quando soube que os russos estavam aqui, os americanos ali e que os tchecos iam ficar no meio. E foi assim mesmo! Os americanos trouxeram caminhões de comida para nós, sobreviventes dos campos, e os russos tiraram. Foi quando vi um homem de barba, capitão russo que me perguntou se eu era judeu. Respondi o seguinte: “Eu sou judeu, mas eu não tenho direito de misturar as coisas: você fica na tua e eu na minha”. Assim ficamos mais ou menos durante uns oito dias até que o governo tcheco oficializou que não éramos bandidos, simplesmente judeus. Deram um documento para cada um de nós, uma espécie de passaporte, e seis moedas para viajarmos para qualquer lugar. Meu tio, muito espertinho, não queria esperar mais. Juntou-se com outros amigos da idade dele, pegaram alguns cavalos e foram para a Polônia. Eu fiquei, pois deveria fazer tudo com calma. Tempos depois, eu fui para a Polônia. Cheguei a Kraków, naquela cidade linda e interessante, e fiquei lá na praça esperando: “O que eu vim fazer aqui?”. Nisso eu vi dois rapazes da mesma “raça” que eu. Disse-lhes que não pretendia fazer nada, mas nada por nada, o que é?

Tive uma ideia: apanhar um trem, descer em várias aldeias com casas vazias e roupas lavadas e penduradas no varal. Em cada estação dessas aldeias, eu deveria saltar, pegar as

roupas, dobrar, voltar para Kraków e montar um mercado para vender essa mercadoria. Não deu outra para viver. Assim fiz: pulei do trem, dobrei, pulei, dobrei, cheguei lá com a sacola, fui para o mercado no centro da cidade e vendi tudo. Depois fui para Łódź, uma cidade polonesa, onde vendi mais. Foi ali que arrumei aquele chapéu austríaco como uma boina. Eu gritava, vinha a mulherada que puxava daqui e dali. Assim eu juntei dinheiro. Nisso, quando eu estava vendendo, chegou um homem que, levantando a aba do chapéu, disse: “Zé, é você?”.

– Vai embora, finge que você não me conhece! – respondi.

Era Weid, aquele meu cunhado que vivia em Varsóvia. Cada história, não é? Ele agora estava vivendo em Łódź, estagnado: sobreviveu à guerra como professor de violino, mas a minha irmã não. Ele estava vivendo com uma outra mulher que hoje reside em Cannes: Sasha, uma mulher maravilhosa. Aos poucos me acalmei. Foi quando ele me disse que morava do lado direito daquela rua, num apartamento. Convidou-me para ficar com ele. Fui lá, bati à porta e apareceu uma loira que não era a minha irmã. Ela foi muito legal: recebeu-me bem e assim eu fiquei com eles que tinham duas crianças. Um belo dia, resolvi refazer minha vida. Procurei descobrir onde existiam outros garotos, sobreviventes como eu. Fiquei sabendo que em Landsberg, uma pequena cidade na Bavária, havia comida, havia de tudo. Fui lá e descobri que ali existiam uns 15 garotos (oficiais do Exército americano, judeus, capitães, rabinos etc.) dando aulas para os sobreviventes. Aproveitei para perguntei por A e por B, meus amigos. Desisti. Como eu sempre acreditei no destino, saí de Landsberg e fui para Munique. Estava atravessando a rua quando um caminhão buzinou. Sim, em Munique, na Bavária! O caminhão parou, olhei e vi dois amigos dentro da cabine.

– Entra aqui, nós estamos num paraíso! – disseram.

– E onde está o meu paraíso? – perguntei-lhes.

– Em Erdingbei München, uma cidade pequena. Vem ver!

Quando cheguei a Erding conheci a *Frau* Glick, uma senhora alemã, gorda, velha, que havia adotado esses meus amigos, pois havia perdido seus dois filhos na guerra. Pernoitei lá apenas uma noite e fui conhecer o mundo que já estava aberto. Conheci metade de tudo: musicais, americanos dando aulas, tudo maravilhoso. Pensei: “Aqui vou ficar? Devo arranjar um apartamento...”. Então, o governo americano mandou que escolhêssemos um

bom local para morar, deu-nos uma moto, um carro BMW, um caminhão e um lugar para morar. Escolhi uma casa onde eu e os meus amigos – Adam, Moshe e Salmo – morávamos na parte de baixo, uma espécie de salão. A parte superior era usada por soldados negros. Naquela cidade havia oito mil soldados negros, a maioria aviadores. Era a primeira vez que eu via isso.

Enfim, gostei daquela cidadezinha e resolvi fazer negócios por ali: vender cachaça, vender cigarros para aqueles oito mil soldados. Comecei logo, lógico: comprei cachaça, coloquei numa garrafa de uísque e vendia para os soldados americanos, negros. Dançávamos juntos com as mulheres. Nessas festas, vinha uma mulherada de Munique, pois Erding ficava cerca de 30 quilômetros. Eram alemãs que queriam ganhar dinheiro, pois morreram tantos homens na guerra e elas queriam dançar com os soldados. Às 23 horas saía o último trem de Erding para Munique. Esse meu amigo, o Adam, aproveitou-se disso como se fosse um “futuro de gigolô”. Foi até a estação de trem e convidou 13 mulheres para voltarem e dormirem na nossa casa. Eu tinha uma cabeça muito limpa, limpa no meu modo de ser! Então, eu lhes disse: “Vocês ficam com tudo e eu vou pra Paris!”.

Antes de viajar para Paris, voltei para Kraśnik em busca da minha família, apesar de saber que ninguém havia sobrevivido. Voltei assim mesmo, ida e volta. Peguei um trem viajando em cima do vagão, lá em cima. Maravilha! Ar livre! Em Kraśnik falei no meu polonês perfeito. Foi quando me contaram a história de que o passado do povo judeu é feito com “sangue das crianças polacas”. Então, pensei: “Vou ter que trocar meu nome também”. Pensei também em ficar na Polônia, mas não queria servir o Exército. Talvez voltar para Alemanha fosse melhor do que ficar na Polônia, ainda mais depois dessa história que ouvi dos polacos. Fui até a minha casa que estava com tudo arrebitado, quebrado do lado dos portões. Eu sabia que meu pai havia juntado alguns dólares, moedas de 20 dólares, pois naquela sexta-feira, quando toda a família foi obrigada a deixar a casa, ele me mostrou. Disse que era para eu conseguir sobreviver: era o momento! Mas, quando cheguei ao local do esconderijo, percebi que estava todo quebrado e não encontrei um tostão.

Encontrei a loja do meu pai e a irmã do meu pai que conseguiu sobreviver, assim como Jankel, seu filho. Entrei na loja, e, quando ela me viu, estendeu a mão como alguém que

diz: “Você vai tomar minha loja, ahn?”. Ela não falou, mas eu entendi. Como ela morava naquela cidade onde nós nascemos, chamei-a para perto de mim e disse-lhe:

– Me dá um papel e eu vou assinar que esta loja é sua!

Fiquei apenas 24 horas em Kraśnik. Jankel, meu primo, juntou-se comigo por algumas horas e lhe expliquei um pouco sobre ser aventureiro. Anos mais tarde, ele e sua mãe vieram para o Brasil, onde lhes ofereci uma loja aberta. Eu tenho forças para isso. Foi quando Jankel se aproximou de mim, começou a frequentar a minha casa e veio trabalhar na minha fábrica, onde foi registrado.

## ***Minha passagem por Paris***

Retomando: fui para Paris onde me encontrei com Weid, meu cunhado, o músico. Lá estava com toda a sua família: irmão, pai e mãe. Fui morar com ele que era muito especial. Eu também não dei trabalho, ao contrário: desenhava bolsas femininas para o irmão que tinha uma fábrica e precisava de novos modelos. Criei modelos que ganharam prêmios, muitos dos quais copiados das mulheres que estavam nas filas do cinema. Onde havia loja de bolsas, eu parava com o lápis na mão e ficava desenhando. Vitrine parisiense! Até o dia em que chegou o fiscal e resolvi parar. Saí dessa fila e nunca mais desenhei. Até mesmo as bolsas das prostitutas que eu copiava todas as quartas-feiras quando frequentava as boates. Coisa boa: eu desenhava, olhava para aquelas mulheres lindas e me tornei amigo delas.

Nessa época eu já tinha a minha Maria, minha amiga, minha namorada. Hoje ela mora em Tel Aviv, com 86 anos. Foi ela que arrumou um apartamento para eu morar no mesmo prédio dela. Quando eu resolvi vender cigarros nas boates, ela resolveu me acompanhar. Maria falava quatro idiomas! Que mulher, que raça de mulher! Ela mostrou-me o que é mulher! Digníssima, não queria ter nada comigo, pois era virgem e pretendia ter filhos depois. Vendi cigarros até ser denunciado à polícia que me levou para a prisão, junto com um amigo que morava comigo. Na prisão falei para ele em polonês: “Não diga de onde vem este cigarro, se não nós vamos morrer aqui na prisão! Não fala, não!”. Os cigarros eram fornecidos pelo meu cunhado, o músico, que tinha ligação com um grupo da Bélgica. Falsos cigarros!

*Josef Freihof*

No terceiro dia, ainda estávamos na prisão e nem sinal de nos libertarem! Comecei a fazer amizade com os policiais e lhes prometi uma coisa: “Dou um presente para sua mulher, uma bolsa especial que eu mesmo vou fazer e enviarei pelo correio”. Existia uma forma de comunicação em Paris chamada *Pinimatik*, uma espécie de telegrama, que chegava do outro lado da cidade em duas horas. Mande um telegrama para meu cunhado dizendo: “Se não sairmos amanhã desta prisão, eu conto toda a história para a polícia e vocês vão presos. E nós vamos sair!”. Aí, eles pegaram um rabino, um advogado... resolvido.

Eu fiquei em Paris onde o meu tempo era controlado, pois eles não davam licença para você viver. Um dia, quando eu estava muito triste em Paris, recebi um aviso: “Segunda-feira você tem que deixar Paris”. Eu andei, andei... Foi quando esbarrei em Maria que morava na casa nº 84 e eu no nº 62. Foi quando ela me perguntou sobre a razão da minha tristeza. Expliquei-lhe que estava triste porque segunda-feira não poderia mais permanecer na França. Mas ela logo deu um jeito: foi à prefeitura, conseguiu-me documentos novos e, com tudo

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 139  
**355249**

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pôrto de destino

Nome por extenso FREIHOF Josef  
Admitido em território nacional em caráter turismo (temporário ou permanente)  
Nos termos do art. 2 letra 2 do dec. n. 23350, de 1945  
Lugar e data de nascimento Krasnik 5.5.24  
Nacionalidade polonesa Estado civil solteiro  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Leib e Rachela Buchbinder  
Profissão maroquineiro  
Residência no país de origem Paris

	NOME	IDADE	SEXO
FILHOS MENORES DE 18 ANOS			

Passaporte n. 05808 expedido pelas autoridades de Pref. Paris  
na data 25.8.48  
visado sob n. 1894

ASSINATURA DO PORTADOR:  
*Josef Freihof*

Consulado Geral do Brasil  
em Paris  
25 de agosto de 19 48  
O CONSUL:  
*Sotero Cosme*  
Sotero Cosme Consul Adjunto



SELA  
CON

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida a máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Ficha consular de qualificação de Josef Freihof emitida pelo cônsul Sotero Cosme, por ocasião de sua imigração para o Brasil, onde permanece até hoje. Paris, 25 de agosto de 1948.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

“limpo”, fiquei em Paris a vida inteira. Depois, recebi uma passagem de navio para visitar o Brasil, enviada por uns parentes que aqui estavam.

## ***O Brasil como destino***

Assim recebi uma passagem para viajar ao Brasil pelo navio Jamaïque, muito bom. Viajei durante 14 dias, sem querer sair do navio. Eu estava feliz! Diverti-me muito: fiquei no mastro, dormi em cima, fiz amizades, jogava pingue-pongue. Fiz do meu cobertor a minha aventura. Todo mundo pensava que eu era passageiro da primeira classe. Eu estava sempre rindo porque não é fácil ter humor na miséria. A pior coisa dessa história toda é que a fome não podia me matar, de maneira nenhuma. A pior coisa do mundo é sentir fome!

Bem, quando eu cheguei ao Rio de Janeiro, dois tios estavam me esperando: um tio bom e o outro mais ou menos. Bem ou mal, levaram-me de trem para Campos, no Estado do Rio de Janeiro, viajando durante quatro ou cinco horas a noite toda. Na casa deles, encontrei sete crianças, sendo quatro mulheres. Lembrei-me da minha casa. E eu praticamente me tornei aquele padrinho deles todos que acabaram trabalhando nas minhas fábricas. Casei-me com Fanny que era muito esperta: ela pegou uma máquina de costura e começou a ajudar na costura.

Naquela época, eu tinha os carros mais lindos do mundo, novos. Frequentei a Christian Dior em Paris, as feiras de S. Paulo, exportei para os Estados Unidos. Enfim, a minha fábrica seguia o modelo parisiense e ocupava dois prédios em Benfica [bairro do Rio de Janeiro]. Minha esposa ajudava a preparar as costuras e as costureiras executavam. Assim a fábrica cresceu, se modernizou, ganhou maquinário novo até a hora que chegou o “Made in China”. A fábrica acabou!

## ***Minha forma de ver o mundo***

Hoje eu tenho uma bisnetinha com um ano, tenho uma família muito grande, sete netos e não posso me queixar da vida. Eu sei que não sou eterno! Hoje eu faço ginástica todos os dias, tenho a fisioterapeuta que vem aqui na minha casa e gosto de ouvir os outros! Confesso que não tive coragem de assistir ao filme *A lista de Schindler*, porque acho que não seria

*Josef Freihof*

bom para mim que conheço a história de perto. Sei que o filme tem falhas, pois conheci aquela realidade, passei por essa lama, mas eu saí dela. Por que eu vou rever? Gosto mesmo é do filme *O pianista*. Gosto de assistir a concertos bons, admirar a beleza das mulheres, as cores da vida. Eu gosto de dar gorjetas, ajudar os pobres...!

Não sou filósofo, mas, às vezes, eu pergunto: o mundo não é um teatro? Gosto e mastigo aquilo que eu sinto! Dou-me o direito de dizer que conheço a geografia do mundo, viajei por todos esses países, fui até a China onde comi num restaurante primitivo, pois não gosto de luxo. O luxo é falso! Entendo que restaurante tem que ser para comer. Cada país tem a sua própria mentalidade, a mulher de Copacabana é diferente daquela que mora no Leblon. Eu gosto de ver o mundo de hoje. Morei em Ipanema num apartamento muito grande até o dia em que pensei assim: “Estou cansado...!”. Mas não era um cansaço físico. Entendo que o tempo cura, como diz aquela frase em hebraico: “O que o tempo te ensina, a cabeça não imagina isso”. Isso conta, aprendi palavras boas quando era criança, gosto da minha religião. Sou engraçado, sou realista. Deixo aqui a minha mensagem: você ser digno com o seu próximo; não importa quem ele é, não importa!



Família Freihof, c. 2015, Rio de Janeiro.  
Acervo: Freihof/RJ; Arqshoah-Leer/USP.